



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

O viés interdisciplinar do turismo: um olhar às relações internacionais¹

Juliane Santos Lumertz²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

Sabe-se que o Turismo é constituído por conhecimentos de diversas áreas, tornando-o objeto de grande complexidade e de abrangente âmbito de pesquisa. Esta também é uma característica das Relações Internacionais, que é uma disciplina na qual aborda-se, principalmente, o relacionamento entre atores mundo afora. Entretanto, acredita-se que, apesar de serem dois importantes campos das Ciências Sociais e de possuírem correlações dignas de consideração, pouco se dedica à sua maior compreensão. A fim de contribuir ao melhor entendimento do assunto, o estudo versa sobre a importância da interdisciplinaridade no fenômeno turístico, enfatizando suas interfaces com as Relações Internacionais. Dessa forma, pretende-se atentar à necessidade de maior reflexão sobre sua análise interdisciplinar, bem como sugerir novas problemáticas a serem pesquisadas face às Relações Internacionais.

Palavras-chave: Turismo; Relações Internacionais; Interdisciplinaridade.

Visando melhor compreensão, o artigo está dividido em cinco momentos. Inicia-se pelo esclarecimento do conceito de Turismo, uma vez que este ainda não é entendido na sua totalidade. Após, discutem-se categorias de estudo entre disciplinas (principalmente a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade), para que se entenda o porquê da referência do turismo ao estudo interdisciplinar. No terceiro momento, apresentam-se as Relações Internacionais, sua formação como disciplina e sua constituição atual. Posteriormente, explica-se como o Turismo e as Relações Internacionais podem ser pesquisados de maneira complementar, sugerindo-se algumas idéias a serem desenvolvidas.

Turismo

Termo corriqueiro que poucos indivíduos realmente sabem o que significa. Indústria, atividade, setor e sistema são algumas definições dadas ao termo³. Entretanto, seria mais

¹ Trabalho apresentado ao GT 6 – “Outras interfaces” do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) graduada no ano de 2005. Atualmente, discente do Mestrado em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail para contato: julilumertz@gmail.com



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

adequado pensá-lo como fenômeno, o qual envolve, fundamentalmente, pessoas (tanto turistas como autóctones). Estas são repletas de vontades próprias, de desejos, de emoções e de experiências, ou seja, são seres “multifacetados”. Há ainda o meio ambiente, as expressões culturais, as manifestações históricas, as localidades, os demais sujeitos (empresas, organizações não-governamentais, políticos, turismólogos, pesquisadores, universidades) que integram o Turismo e interagem no seu planejamento e no seu desenvolvimento, ou no seu estudo.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2003), o turismo englobaria “as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente habitual por não mais de um ano consecutivo para lazer, negócios ou outros objetivos;” (OMT, 2003, p. 18).

Já de acordo com a *Tourism Society* (2002),

Turismo é o movimento temporário e de curta duração de pessoas para lugares externos ao local em que normalmente vivem e trabalham, bem como as atividades que essas pessoas executam durante o tempo em que permanecem nesses lugares, incluem-se aí movimentos por qualquer motivo, assim como visitas diárias ou excursões. (TOURISM SOCIETY *apud* YOEELL, 2002, p. 29)

Essas duas concepções são problemáticas por apenas considerar o turista como sujeito do Turismo, ou seja, essas opiniões compreendem o fenômeno turístico a partir da visão consumidora, não mencionando aqueles que o produzem. Além disso, esses entendimentos parecem não compreender toda a complexidade do fenômeno turístico, pois se referem mais aos aspectos burocráticos do turismo, do que aos contextos sociais, culturais e históricos do fenômeno.

Para Margarita Barretto, Raúl Burgos e David Frankel (2003),

O turismo é um fenômeno social que não acontece num vazio, mas numa sociedade em funcionamento, e ele é, por sua vez, conseqüência da dinâmica

³ Conforme Youell (2002) “O consenso de uma definição de grande amplitude de turismo, fácil de entender, e universalmente aceita provou-se difícil. Isso se deve, em grande parte, a dois fatores principais: À natureza ampla do tema e ao fato de a indústria do turismo abranger numerosos setores industriais, que, embora diversos, estão inter-relacionados”. (2002, p. 28)



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

desta. O turismo é afetado por condicionantes culturais, geográficas, políticas, econômicas e legais, nos âmbitos nacional e internacional. (BARRETO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 12)

Lembrando toda a complexidade do Turismo, tem-se o entendimento de Moesch (2000):

[...] o Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade / subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico. (MOESCH, 2000, p. 09)

E complementando, há sua afirmação (2002) que:

O turismo é bem mais do que estas definições reducionistas: é um fenômeno com conseqüências culturais, sociais, políticas, comunicacionais que deve também ser estudado, principalmente por ter se convertido em direito, desejo de todos, os cidadãos de qualquer classe social e de qualquer sociedade, seja ela desenvolvida ou não (MOESCH *In* GASTAL, 2002, p. 20 e 21)

Após discorrer sobre o Turismo, afirmando seu entendimento como fenômeno, é necessário entendê-lo enquanto objeto de estudo. Para compreender toda a complexidade que envolve o fenômeno turístico, os turismólogos recebem uma ampla formação acadêmica⁴. Comunicação, Economia, Direito, História, Geografia, Sociologia, Administração, Marketing, Antropologia, Educação e Ecologia são conhecimentos presentes nos melhores currículos dos cursos superiores de Turismo.

Essa formação diversificada é necessária para entender um objeto cujo campo de estudo é interdisciplinar e complexo. Falar em interdisciplinaridade pode parecer vago e, até,

⁴ Marutschka Moesch (2002) faz uma crítica aos currículos universitários. Para ela estes “na sua maioria, tratam o conhecimento numa abordagem analítico cartesiana. Os alunos dos cursos de Turismo, por exemplo, têm disciplinas de língua estrangeira, de geografia, de Sociologia, de Fundamentos do Turismo e, em média, trezentas horas de estágio <para ver como é a dinâmica do real>, o chamado mercado de trabalho. Quando muito, há o esforço de reunir esses conhecimentos, respeitando a fronteira de cada disciplina, num Projeto experimental, que buscava relacionar teoria e prática”. (MOESCH *In* GASTAL, Susana; BENI, Mário Carlos e CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, 2002, p. 27). No presente artigo, ressalta-se a importância de uma formação, realmente, multidisciplinar e não apenas um discurso de conhecimentos diversos.

estranho. Justifica-se o porquê da escolha do conceito interdisciplinar, uma vez que existem outros processos que explicam a interação de mais de uma área.

Multidisciplinaridade X Interdisciplinaridade

Tratar de multidisciplinaridade, de interdisciplinaridade, de transdisciplinaridade⁵ e de pluridisciplinaridade⁶ não é tarefa fácil. Os conhecimentos das Ciências Humanas, muitas vezes, envolvem mais de uma dessas atividades. Em outras ocasiões se deve definir qual categoria é mais pertinente para explicar a produção de novos conhecimentos ou áreas.

Marutschka Moesch (2002), partilhando idéias de Morin (2000), afirma que:

Interdisciplinaridade pode significar também a troca e a cooperação, o que faz com que possa a vir a ser alguma coisa orgânica. Já a multidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comum; as disciplinas, são convocadas como técnicos especializados para resolver tal ou qual problema. Na transdisciplinaridade tratam-se, freqüentemente, de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de intermultitransdisciplinaridade que realizam e desempenham um fecundo papel na história das ciências (MOESCH *In* GASTAL; BENI e CASTROGIOVANNI, 2002, p. 30 e 31).

Para esclarecer cada nível de interação existente e, dessa forma, clarear o entendimento dos leitores, é necessário uma breve definição das categorias “interdisciplinar” e “multidisciplinar”. A Transdisciplinaridade e a Pluridisciplinaridade não serão explicadas por se considerar desnecessário ao entendimento do artigo e para que este não se torne muito extenso. Todavia essas estão brevemente elucidadas em notas de rodapé.

▪ Multidisciplinaridade

⁵ Transdisciplinaridade é um termo originalmente criado por Piaget em 1970. Esta é uma abordagem que “passa entre, além e através das disciplinas” em busca da compreensão da complexidade. Ou seja, visa articular novo entendimento da realidade entre e para além das disciplinas especializadas. A concepção é bastante utilizada pelos movimentos pós-modernos.

⁶ Pluridisciplinaridade é uma simples agregação de disciplinas que convergem à realização comum, mas sem que cada disciplina transforme, de modo significativo, sua própria visão das coisas e seus próprios métodos, ou seja, não implica uma integração conceitual interna.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Caracteriza-se por um conjunto de disciplinas trabalhado simultaneamente, sem cooperação, isto é, sem a preocupação com as relações que possam existir entre as áreas estudadas. Na multidisciplinaridade, utilizam-se informações de várias disciplinas para avaliar determinado elemento, sem o propósito de integrar as matérias entre si. Desse modo, cada disciplina contribuiu com informações próprias de sua área de conhecimento, sem considerar a existência de conexão entre elas.

Compelindo a idéia de vários autores, Olga Pombo (2007) ensina que multidisciplinaridade pode ser compreendida como:

Justaposição de disciplinas diversas, às vezes sem relação aparente entre elas (*Berger*). Quando a solução de um problema requer a obtenção de informações de uma ou mais ciências ou sectores do conhecimento, sem que as disciplinas que são convocadas por aqueles que as utilizam sejam alteradas ou enriquecidas por isso (*Piaget*). Conjunto de disciplinas justapostas sem nenhuma cooperação entre elas (*Jantsch*). A multidisciplinaridade orienta-se para a interdisciplinaridade quando as relações de interdependência entre as disciplinas emergem. Passa-se então do simples «intercâmbio de idéias» a uma cooperação e a uma certa compenetração das disciplinas (*Palmade*) (POMBO, 2007, p. 06).

Para completar, pode-se dizer que a multidisciplinaridade é utilizada com objetivo da busca por uma solução imediata e não da exploração de perspectivas disciplinares.

▪ Interdisciplinaridade

É a integração de dois ou mais campos de estudo na construção do conhecimento. Além disso, a interdisciplinaridade objetiva unir conceitos pertencentes às diversas áreas do conhecimento, a fim de promover avanços, como a produção de novos conhecimentos.

Selecionando-se diversas conceituações demonstradas por Olga Pombo (2007), tem-se que interdisciplinaridade é:

O prefixo "inter" não indica apenas uma pluralidade, uma justaposição; evoca também um espaço comum, um factor de coesão entre saberes diferentes. Os especialistas das diversas disciplinas devem estar animados de uma vontade comum e de uma boa vontade. Cada qual aceita esforçar-se fora do seu domínio próprio e da sua própria linguagem técnica para



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

aventurar-se num domínio de que não é o proprietário exclusivo. A interdisciplinaridade supõe abertura de pensamento, curiosidade que se busca além de si mesmo (*Gusdorf*). Interação existente entre duas ou mais disciplinas. [...] Um grupo interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam formação nos diferentes domínios do conhecimento (disciplinas), tendo cada um conceitos, métodos, dados e temas próprios (*Berger*). [...] Princípio de organização que visa a coordenação dos temas, dos conceitos e das configurações disciplinares (*Jantsch*). Intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências. Esta cooperação tem como resultado um enriquecimento recíproco. (*Piaget*). Cooperação de várias disciplinas científicas no exame de um mesmo e único objecto (*Marion*). Transferência de problemática, conceitos e métodos de uma disciplina para outra (*Thom*). [...] (POMBO, 2007, p. 02 e 03)

Enfocando o estudo do turismo com outras disciplinas, Sergio Zurita Fernandes Filho (2004) sugere que:

Ao considerar que o turismo não constitui um corpo de conhecimento específico, isto é, está sujeito à influência de diversos paradigmas, a questão da interdisciplinaridade possibilita o fluxo de comunicação entre as disciplinas, o que permite uma relação mais concreta não só entre as disciplinas em si, mas também envolvendo todos os professores de um determinado curso, por exemplo. (FERNANDES FILHO, 2004, p. 06)

Marutschka Moesch (2000) defende que,

A interdisciplinaridade, fundamental a análise do turismo como fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico e subjetivo, avança as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber. Cabe à academia propor novas abordagens, a partir de uma concepção interdisciplinar. (MOESCH, 2000, p. 14)

A interdisciplinaridade é o enfoque mais utilizado quando se refere ao estudo do Turismo e de outras áreas. Ademais, esta categoria é bastante presente em estudos da área educacional.

A análise realizada entre interdisciplinaridade e multidisciplinaridade é de grande valia, pois se entende a necessidade de um claro entendimento dessas categorias. Houve momentos de incerteza na opção da interdisciplinaridade para focar o Turismo neste artigo, por entender que a interdisciplinaridade estaria relacionada a formação do campo de estudo. Lembro que intenção do artigo não é analisar a constituição do Turismo e de seu objeto de



estudo⁷. Objetivo não só demonstrar a importância de “olhar” para outras disciplinas a partir do Turismo, mas também relacioná-lo a outras áreas do conhecimento propondo o desenvolvimento de trabalhos que conectem o Turismo às Relações Internacionais. Dessa forma, penso que cada uma dessas disciplinas poderia adquirir mais consistência, ao mesmo tempo em que perceberiam as correlações existentes entre elas. Não adianta aproximar diferentes áreas de conhecimento se estas não forem pertinentes entre si, por isso, mais adiante, explicam-se e exemplificam-se alguns estudos que poderiam ser desenvolvidos entre as duas áreas.

Relações Internacionais (RI)

As Relações Internacionais, assim como o Turismo, é, muitas vezes, simplificada ao ser delimitada somente à diplomacia. Esse reducionismo se deve ao fato de que, no começo do desenvolvimento dessa área, os estudos referiam-se principalmente aos relacionamentos diplomáticos. Essa antiga visão precisa ser alterada, e o entendimento do que são as Relações Internacionais necessita ser melhor compreendida.

Como disciplina, as RI nasceram da busca de se melhor compreender os conflitos, especialmente à guerra. Fred Halliday (1999) expõe que “[...] o estudo acadêmico das Relações Internacionais começou como uma tentativa de pesquisar as causas da maior de todas estas intrusões, qual seja, a guerra, e de desenvolver meios para reduzir sua futura incidência. (1999, p. 19)”. Conforme William Gonçalves (2004),

O projeto das Relações Internacionais como disciplina nasceu da necessidade de se encontrar as razões da Primeira Guerra Mundial, uma vez que a História Diplomática e o Direito Internacional, que ao longo do século XIX haviam se ocupado do assunto, já não conseguiam mais dar conta da complexa rede de interações que formavam a realidade das relações internacionais do século XX. A primeira cátedra dedicada às Relações Internacionais, Cátedra Woodrow Wilson, foi criada na universidade de Gales, em 1919 (GONÇALVES, 2004, p. 50).

Ao falar sobre a origem da disciplina de Relações Internacionais, Schmidt (2002) afirma que:

⁷ Não estou diminuindo a importância de trabalhos que realizam essa investigação, apenas quero enfatizar que esse exame não caberia no presente estudo, apesar daquele ser um tema bastante válido e de grande importância.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

The birth of the field, for example, often associated with the founding of the world's first Chair for the study of international politics, in 1919 at the Department of International Politics at the University College of Wales, Aberystwyth, is characteristically viewed as a reaction to the horror of the First World War (SCHMIDT, 2002, p. 04)

De acordo com Stephen Hobden (2002), com o estabelecimento do primeiro Departamento de Relações Internacionais, os processos internacionais seriam estudados por si mesmos (*in and of themselves*) e não como um adjunto de história, de política e de direito. Entretanto, esse autor atenta para o fato de *Aberystwyth* não marcar o início do estudo das Relações Internacionais, mas sim o primeiro local institucional dedicado à disciplina:

The Department marked the establishment of the first institutional site for the discipline, but it did not mark the beginning of the study of international processes. People have been writing about the character and history of relation between different communities probably for as long as writing, and what could be viewed as separate communities, have existed (HOBDEN, 2002, p. 46).

Para complementar, Pecequilo (2004) esclarece que:

As Relações Internacionais, portanto, nascem de uma necessidade específica das sociedades em pensar as realidades externas que as afetam, passando a interferir no encaminhamento destes processos de forma a administrá-los. Na prática, ainda que possam existir exceções, as sociedades estabelecem entre si trocas e contatos constantes da mais variada natureza e alcance, não existindo um pleno isolamento, o que leva à criação desta demanda pela compreensão do internacional (PECEQUILO, 2004, p. 14).

Tratando do objeto de estudo das Relações Internacionais, temos o entendimento de Halliday (1999), o qual basicamente mostra que:

[...] seu objeto de estudo é, nos termos mais simples, claro suficiente e abrange três formas de interação: as relações entre os Estados, as relações não-estatais ou relações transnacionais (através das fronteiras) e as operações do sistema como um todo, dentro da qual os Estados e as sociedades são os principais componentes (HALLIDAY, 1999, p. 15)

Já Pecequilo (2004) elucida que,



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Defini-se como objeto de estudo das Relações Internacionais os atores, acontecimentos e fenômenos que existem e interagem no sistema internacional, ou seja, além das fronteiras domésticas das sociedades. Trata-se de uma disciplina dedicada à análise do que acontece “no mundo de fora” destas sociedades, avaliando suas interações, o surgimento de novos atores internacionais e os fluxos diversos do cenário mundial. As Relações Internacionais consistem em uma forma organizada de pensar as relações sociais que se estabelecem além das fronteiras dos Estados, fornecendo-nos parâmetros e instrumentais para interpretar e compreender este campo de ação externo (PECEQUILO, 2004, p. 15)

No início do desenvolvimento da disciplina, os Estados Nacionais eram vistos como atores únicos. Diferentes teorias para explicar as Relações Internacionais surgiram e, por volta da década de 60 novos atores (empresas multinacionais, transnacionais, organizações intergovernamentais) já eram tidos como relevantes ao estudo. O processo de globalização (sobretudo após o advento de novos meios de telecomunicação e da facilitação do fluxo de indivíduos) “trouxe a cena” outros atores (principalmente atores internacionais não-governamentais).

Assim, novos atores e diferentes temas são incorporados às Relações Internacionais. Com uma visão atual dos processos que devem ser contemplados pelas Relações Internacionais, Dougherty e Pfaltzgraff Jr. (2003) declaram que:

A expressão relações internacionais abrange uma grande variedade de actividades – todas as comunicações internacionais, as transações comerciais e financeiras, competições desportivas, turismo, conferências científicas, programas de intercâmbio educacional e actividades religiosas missionárias (DOUGHERTY; PFALTZGRAFF JR, 2003, p. 26).

Nessa definição, pode-se constatar que, apesar dos poucos trabalhos existentes entre Turismo e Relações Internacionais, esta começa a perceber naquele um agente de sua área.

Como demonstra Pecequilo (2004),

[...] é preciso destacar a variedade de caminhos de pesquisa, análise e atuação que estarão disponíveis dentro desta área múltipla. Mesmo possuindo uma base obrigatória única de conhecimento que levará à compreensão do internacional, a especialização dentro de única de conhecimentos que levará à compreensão do internacional, a especialização dentro de um determinado tópico será algo natural. Desta forma, a visão que



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

nasce abrangente do internacional pode sofrer recortes, direcionando-se a objetos e campos do conhecimento específicos. Escolhas e preferências pessoais, assim como a área de atuação profissional, são alguns dos fatores que ajudarão a delimitar esta especialização (PECEQUILO, 2004, p.21).

A partir dessas idéias sugere-se maior atenção ao desenvolvimento de pesquisas entre os dois campos de estudo: o Turismo e as Relações Internacionais.

Turismo e Relações Internacionais

Há muitos pontos em comuns entre o Turismo e as Relações Internacionais, principalmente por serem formadas por conhecimento multidisciplinar, afinal, orientam-se em torno de diversos eixos temáticos das Ciências Sociais. Além disso, segundo Braillard (*apud* Pecequilo, 2004, p. 18) “[...] o que caracteriza propriamente as Relações Internacionais é o fato de elas constituírem fluxos que atravessam as fronteiras [...]”. Esta, igualmente, é uma das características do Turismo – que é um fenômeno que também se desenvolve além das fronteiras, principalmente das fronteiras delimitadoras dos Estados. Outra particularidade dos dois campos de estudo é o caráter interdisciplinar, o qual lhes gera um problema comum: a dúvida quanto a formação de uma disciplina distinta, ou da posse de um objeto de estudo próprio. Para exemplificar essa questão, utiliza-se uma passagem de Schmidt (2002):

The interdisciplinary character of the field and the fact that other disciplines studied various dimensions of its subject matter has sometimes led to the question of whether ‘international relations is a distinctive discipline’ [...].
(SCHMIDT, 2002, p. 06)

E complementa-se com a idéia de Fernandes Filho (2004):

A interdisciplinaridade, portanto, constitui um tema que deve ser extremamente respeitado quando discutido por profissionais e pesquisadores não só pertencentes da área de educação, mas também relacionados à outras áreas, dentre elas o turismo, já que se consiste em uma área na qual inúmeras disciplinas estão inseridas. (FERNANDES FILHO, 2004, p.14)

Como foi comentado, as Relações Internacionais ampliaram seu campo de estudo, incluindo novos atores e conhecimentos nas suas pesquisas. O Turismo já é citado como agente dessa área. Mas será que o fenômeno turístico “está aberto” a novos questionamentos? Segundo Margarita Barretto, Raúl Burgos e David Frenkel (2003), sim. Esses autores também



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

percebem o turismo como agente das Relações Internacionais, e citando Stanley Hoffman, manifestam que:

O objeto desse campo de pesquisa assume um ponto de vista prático e operacional que permite visualizar a posição do turismo como agente das relações internacionais, se considerado seu impacto político “a disciplina de relações internacionais ocupa-se dos fatores e atividades que afetam a política externa e ao poder das unidades básicas em que está dividido o mundo”.

O turismo, fenômeno social e econômico internacionalizado, insere-se como objeto de estudo das relações internacionais diante da cada vez maior amplitude e abrangência do escopo de preocupações da disciplina. (BARRETO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p.43)

Nota-se que, pelo menos na teoria, o Turismo e as Relações Internacionais já são vistos como conhecimentos próximos e complementares. Contudo, faltam estudos mais profundos que desenvolvam idéias das duas áreas. Assim, no próximo momento serão evidenciadas considerações sobre possíveis trabalhos conjuntos e, brevemente, sugeridas idéias de temas que poderiam ser realizadas.

Inicialmente, já se percebe a ligação intrínseca existente entre o Turismo e as Relações Internacionais, duas grandes e importantes áreas do conhecimento humano e das Ciências Sociais⁸. Alguns possíveis questionamentos a serem desenvolvidos de forma mais detalhada seriam:

- O pensamento do fenômeno turístico e de seu desenvolvimento a partir de aspectos internacionais devido, especialmente, ao fato de as políticas públicas nacionais estarem voltadas ao fluxo de turistas estrangeiros.

- As empresas transnacionais hoteleiras estão, cada vez mais, presentes na costa brasileira, sendo essencial atentar a essa evolução.

⁸ Sabe-se que ainda não há consenso sobre a qual Ciência é atribuída ao Turismo. Alguns atribuem à Administração como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), porém se acredita que este seja um fenômeno de movimento das sociedades. Dessa forma concorda-se com a categorização dada pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) – que atribui o Turismo às Ciências Sociais.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

- Avaliar se a gestão dos processos de integração dos Estados Nacionais e o desenvolvimento da globalização estariam contribuindo à diminuição das fronteiras geográficas, culturais e sociais.

- A carência de análise dos atores do Sistema Internacional envolvidos no Turismo.

Como pode ser visto, mesmo sem um grande aprofundamento do estudo entre o Turismo e as Relações Internacionais já se pode levantar uma série de questões que merecem atenção, pesquisa e um estudo mais aprofundado.

Infelizmente, as pesquisas em Turismo pouco têm refletido sobre as Relações Internacionais como objetos a serem estudados conjuntamente⁹, tampouco as Relações Internacionais têm se voltado para o fenômeno turístico. As teorizações de Relações Internacionais encontradas, ainda pouco incluem o Turismo como objeto de estudo de seu campo de trabalho. Isso se deve ao fato de o Turismo ainda ser visto de forma simplificado e limitado à experiência de viagem, mitigando, assim, a complexidade do fenômeno, de seus impactos e benefícios e, da importância de sua pesquisa.

Há preocupação quanto ao desenvolvimento de trabalhos que unam conhecimentos das áreas de Turismo e de Relações Internacionais, porém se enfatiza que, como em qualquer pesquisa de qualidade, esses estudos devem ser focados em aspectos qualitativos e não quantitativos.

Considerações Finais

Como discutido, a concepção interdisciplinar no estudo do turismo é uma atitude benéfica e necessária. No artigo, propôs-se o desenvolvimento de nova abordagem – que relacionaria o fenômeno turístico com as Relações Internacionais. Acredita-se que esse

⁹ Margarita Barretto, Raúl Burgos e David Frenkel publicaram, em 2003, livro intitulado “Turismo, Políticas Públicas e Relações Internacionais” no qual abordam o desenvolvimento do Turismo em Florianópolis (SC). Na publicação investigam como esses três aspectos influenciaram o desenvolvimento turístico do norte da ilha, especialmente o balneário de Canasvieiras. Apesar da teorização realizada pelos autores, entende-se que o Turismo e as Relações Internacionais ainda necessitam ser mais pesquisados, pois podem contemplar várias linhas de pesquisa, além de estudos mais prolixos.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

contato “romperia barreiras”, essencialmente de preconceito, e auxiliaria no crescimento dos objetos de estudos em ambas áreas de investigação.

Sucintamente foram exemplificadas pesquisas a serem efetuadas, todavia destaca-se que outras investigações são possíveis uma vez que as áreas são diversificadas e abrangentes. É importante lembrar que a preocupação não é pela realização de inúmeros estudos, mas sim pelo desenvolvimento de estudos pertinentes e de qualidade.

O artigo não é um trabalho definitivo sobre o tema. Seu propósito é de provocar debate, que se acredita ser essencial tanto para o Turismo como às Relações internacionais. Outros trabalhos enfocando as duas áreas de conhecimento serão benéficos para a consolidação da proposta defendida neste artigo que abrange estudos interdisciplinares.

Referências

BARRETTO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. **Turismo, políticas públicas e relações internacionais**. Campinas: Papyrus, 2003.

DOUGHERTY, James e PFALTZGRAFF, Robert L. **Relações Internacionais – As teorias em Confronto**. Lisboa: Gradiva, 2003. Tradução de: Contending theories of international relations.

HOB DEN, Stephen. Historical sociology: back to the future of international relations? *In*: HOB DEN, Stephen e HOBSON, John M. (eds.). **Historical Sociology of International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

GONÇALVES, Williams. **Relações Internacionais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

MOESCH, Marutschka. Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: CONTEXTO, 2000.

_____. O fazer-saber turístico: possibilidades e limites de superação. *In*: GASTAL, Susana (Org). **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. *In*: GASTAL, Susana; BENI, Mário Carlos e CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Turismo internacional: uma perspectiva global**. Traduzido por Roberto Cataldo Costa. 2.ed. Porto Alegre; Bookmann, 2003. Tradução de: International Tourism: A Global Perspective



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

POMBO, Olga. **Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf>> Acesso em: 20 jul 2007.

SCHIMIDT, Brian C. On the History and Historiography of International Relations. *In*: CARLSNAES, Walter; RISSE, Thomas e SIMMONS, Beth A. (eds.). **Handbook of International Relations**. Sage: Londres, 2002.

FERNANDES FILHO, Sergio Marcos Zurita. **A Interdisciplinaridade como contribuição para uma melhor Comunicação no Ensino Superior**. *In*: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/16959/1/R0547-1.pdf>> Acesso em: 20 jun 2007.

YOUELL, Ray. **Turismo: uma introdução**. Traduzido por: Beth Honorato. São Paulo: Contexto, 2002. Tradução de: *Tourism: an introduction*.